

QUARENTAS DIAS EM TERRITÓRIO SELVAGEM: A CRÍTICA FEMINISTA E A LITERATURA DE MARIA VALÉRIA REZENDE

Renata Cristina Sant'Ana¹

Resumo: A partir da crítica feminista busca-se analisar a representação da condição da mulher no romance *Quarenta Dias* de Maria Valéria Rezende (2014) no que se refere às funções e aos papéis sociais impostos, histórica e culturalmente à mulher, e que, ainda na atualidade, a condicionam em uma posição de subserviência e controle, submetendo-a a diferentes formas de exploração e de violência. Tal condição coloca em evidência os abismos invisíveis existentes entre mundos diferentes e as fraturas de sentimentos e de compreensão sobre o outro.

Palavras-chave: Literatura contemporânea; gênero; crítica feminista.

Maria Valéria Rezende é uma escritora nascida no ano de 1942, em Santos, cidade onde morou até aos dezoito anos. Em 1965 entrou para a Congregação de Nossa Senhora - Cônegas de Santo Agostinho, dedicou-se à educação popular, primeiro na periferia de São Paulo, depois no meio rural de Pernambuco e da Paraíba, e desde 1986 mora em João Pessoa. Sua escrita carrega muito de sua experiência como educadora popular que vivenciou de perto a dor do analfabetismo, trabalhando com jovens e adultos nos lugarejos esquecidos do nordeste brasileiro, de modo que sua literatura é subsidiada pelas experiências, fato que imprime forças, tanto poética quanto política ao estilo simples da autora, por vezes irônico e bem humorado, mas sempre carregado de críticas sociais contundentes e combativas. A escritora explica que suas obras não são autobiografias, embora se utilize muito de sua vivência como missionária católica, circulando pelas terras do Brasil e de outras partes do mundo.

Em relação ao fato de ter se tornado freira aos 24 anos de idade, a escritora afirma ter sido uma escolha pautada na ausência do desejo de viver uma vida dentro dos moldes que eram reservados às mulheres de seu tempo, ou seja, o estilo de vida tradicional que abarcava o casamento, a maternidade e a vida doméstica.

Ao abordar questões dessa natureza, a teoria, a crítica e a escrita literária de autoria feminina fornecem os objetos e os instrumentos para análises que visam à compreensão dos problemas relacionados às mulheres, que, conforme afirma Beauvoir, são “herdeiras de pesado passado, e se esforçam por forjar um futuro novo” (BEAUVOIR, 1990, p. 07).

¹ Doutoranda em Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora
Contato: recsantana2013@gmail.com



Frente ao exposto, pode-se considerar que Maria Valéria Rezende, no mínimo, contrariou a norma social instituída às mulheres de seu tempo, quando se recusou a seguir o padrão de comportamento a elas imposto, e mesmo tendo escolhido seguir a vida religiosa, normalmente associada à abdicação da liberdade, à obediência e à devoção ao sagrado, a freira, professora, tradutora e escritora optou por seguir um caminho que a levasse à libertação dos valores patriarcais e androcêntricos, sustentados pelas ideologias que caracterizam as sociedades burguesas. Assim, as observações sobre a vida de Maria Valéria Rezende possibilitam uma melhor compressão de sua obra que, neste estudo, volta-se para a análise centrada na reconfiguração do lugar sociocultural reservado à mulher na sociedade e na literatura brasileira contemporânea.

Os estudos de gênero e a crítica feminista

O vocábulo “gênero” no campo discursivo da crítica feminista e dos estudos de gênero diz respeito ao modo de referir-se à organização social da relação entre os sexos, assim, a palavra adquiri, neste contexto, o caráter fundamentalmente social das distinções entre masculino e feminino, porém, extrapolando-se os limites do determinismo biológico implícito no uso de termos como “sexo” ou “diferença sexual”. Neste sentido, o estudo do gênero implica na consideração da amplitude dos papéis sexuais e do simbolismo sexual nas várias sociedades e em diferentes épocas, e não apenas na observação das diferenças sexuais enquanto fenômenos de ordem apenas de natureza biológica. Assim, de acordo com SCOTT (1995) o gênero:

é utilizado para designar relações sociais entre sexos. O gênero se torna uma maneira de indicar as “construções sociais” – a criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. É uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres. O gênero é uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado. (SCOTT, 1995, p 07)

Ao rejeitar a concepção determinista biológica, os estudos de gênero trazem elementos de ordem social, cultural, política e ideológica para o centro de suas reflexões e discussões. Diante do desenho desse novo quadro, as(os) pesquisadora(es) dos estudos sobre a mulher sentiram a necessidade de ampliação da visão política dentro dos seus



estudos recorrendo às perspectivas mais globais de análises que levassem em consideração as categorias de classe, raça e gênero. Segundo Scott (1995):

O interesse por essas três categorias “assinalavam o compromisso do(a) pesquisador(a) com a história que incluía a fala do(as) oprimidos(as) e com uma análise do sentido e da natureza de sua opressão: assinalavam também que esses(as) pesquisadores(as) levavam cientificamente em consideração o fato de que as desigualdades de poder estão organizadas segundo, no mínimo, estes três eixos. (SCOTT, 1995, p.04)

O significado que o termo gênero então adquiri, e seu uso pelas feministas contemporâneas acaba demonstrando, segundo Scott, o caráter inadequado das teorias existentes para explicar as desigualdades persistentes entre homens e mulheres. Para esta pesquisadora, o gênero, como categoria de análise, é um meio de decodificar o sentido e de compreender as relações complexas entre diversas formas de interação humana.

Para Lauretis (1994) o gênero é produto de diferentes tecnologias sociais, de discursos epistemológicos, de práticas críticas institucionalizadas e também de práticas da vida cotidiana. Ao estabelecer a relação entre gênero e sexualidade, a autora diz tratar-se de um “conjunto de efeitos produzidos em corpos, comportamentos e relações sociais por meio de uma complexa tecnologia política” (LAURETIS, 1994, p. 208). Assim, o gênero é uma forma de representação de diferentes tipos de relações que são construídas pelos indivíduos dentro e fora dos grupos, das classes. Tais formas de representação que foram construídas a partir das relações entre os indivíduos e as classes, podem ser reproduzidas e ainda, desconstruídas, como visa a crítica feminista, na tentativa de romper com certos modelos e estereótipos que ao longo da história foram se acoplando ao ser feminino, prejudicando a inserção plena da mulher na sociedade. Segundo Lauretis:

As concepções culturais de masculino e feminino como duas categorias complementares, mas que se excluem mutuamente, nas quais todos os seres humanos são classificados formam, dentro de cada cultura, um sistema de gênero, um sistema simbólico ou um sistema de significações que relaciona o sexo a conteúdos culturais de acordo com valores e hierarquias sociais. (LAURETIS, 1994, p. 211)

O gênero, compreendido como sistema simbólico formado no interior de cada cultura, é então produto de construções que se dão através da relação, e servirão como forma de representação dos sujeitos, susceptíveis à reprodução e à desconstrução.



Assim, o espaço onde a ideologia feminista procura atuar a fim de desconstruir os modos de opressão e cerceamento dos direitos e desejos das mulheres diante da imposição da força ideológica patriarcal, é o lugar da construção da crítica e da resistência feminista, denominado por Showalter (1994) de território selvagem. Trata-se de um espaço no campo da teoria que, contrariamente à crítica científica, que lutou para purificar-se do subjetivo, tem na crítica feminista um objeto basilar para a reafirmação da autoridade da experiência. Com efeito, a crítica feminista leva em consideração as imagens e estereótipos das mulheres na literatura, as omissões e falsos juízos sobre as mulheres e a mulher-signo nos sistemas semióticos. Sobre a leitura feminista como ação intelectual libertadora, Showalter diz que “uma crítica radical da literatura, feminista em seu impulso, trataria antes de mais nada, do trabalho como um indício de como vivemos, como temos vivido, como fomos levados a nos imaginar, como nossa linguagem nos tem aprisionado, bem como liberado” (SHOWALTER, 1994, p. 26). Segundo a autora, a leitura feminista ou crítica feminista é em essência uma forma de interpretação, uma dentre muitas outras possibilidades de interpretação que os textos podem acomodar. Através da leitura crítica e interpretativa dos textos, a crítica feminista busca desmistificar problemáticas questões que envolvem a “textualidade e a sexualidade, gênero textual e gênero, identidade psicosssexual e autoridade cultural” (SHOWALTER, 1994, p. 27).

Nesta perspectiva de leitura e de análise tem-se a *ginocrítica*, que trata do “estudo da mulher como escritora, e seus tópicos são as estruturas dos escritos de mulheres; a psicodinâmica da criatividade feminina; a trajetória da carreira feminina individual; e a evolução e as leis de uma tradição literária de mulheres” (idem, p. 29). Os escritos das mulheres passam a ocupar o centro do estudo literário feminista possibilitando tipos de discussões capazes de reafirmar o valor feminino e identificar o “projeto teórico da crítica feminista como a análise da diferença” (idem, p. 31), porém, uma análise que seja capaz de desvincular-se dos modos e modelos estereotipados e associados à inferioridade.

A escrita da mulher passa a funcionar como mecanismo desconstrutivo do discurso masculino no sentido de criar novos formatos e modos de expressão, novos temas e atmosferas que envolvem o universo feminino. Trata-se de reinventar a linguagem, “falar não somente contra, mas fora da estrutura falocêntrica especular, estabelecer um discurso cujo status não seria mais definido pela falicidade do pensamento masculino” (idem, p. 37). A linguagem passa a ter que incorporar ideias a respeito do



corpo e da psique da mulher e trabalha-las de modo relacionado aos contextos sociais em que ocorrem, representando assim, a cultura das mulheres, suas experiências enquanto uma coletividade dentro do todo cultural, um grupo que comunga de experiências comuns e que ligam as escritoras umas com as outras no tempo e no espaço. Trata-se da tentativa das mulheres de livrar-se dos sistemas, hierarquias e valores masculinos e alcançar a natureza primária e verdadeira da sua condição, agora autodefinida através da sua própria experiência cultural. Segundo Showalter, “ a cultura das mulheres redefine as atividades e objetivos das mulheres de um ponto de vista centrado nas mulheres”, pois neste espaço comum ocorre a afirmação da igualdade, e o surgimento de uma consciência de fraternidade e comunalidade das mulheres, capaz de unificar a experiência feminina mesmo levando em consideração as variantes significativas de classe e grupo étnico.

Ao pensar sobre as questões envolvendo a condição das mulheres como grupo historicamente silenciado, os conceitos de silenciado e de silenciar tornam-se centrais nas discussões sobre a participação das mulheres na cultura literária e na teoria literária feminista. Para Showalter:

O termo “silenciado” sugere problemas tanto de linguagem quanto de poder. Segundo a autora, “os grupos silenciados tanto quanto os dominantes geram crenças ou ideias ordenadoras da realidade social no nível inconsciente, mas os grupos dominantes controlam as formas ou estruturas nas quais a consciência pode ser articulada. Assim, os grupos silenciados devem mediar suas crenças por meio das formas permitidas pelas estruturas dominantes (SHOWALTER, 1994, p. 47)

É dentro desse espaço que a autora denomina de “território selvagem”, que as mulheres se unem, se organizam e reinventam suas ideias, suas falas e suas ações. Essa “zona selvagem” é o campo social e discursivo onde se dá o encontro do estilo de vida feminino que está fora dos limites onde o masculino pode alcançar, é o território desconhecido pelos homens, onde eles não sabem o que existe. A zona selvagem deve, portanto, segundo Showalter, ser o “lugar de uma crítica, uma teoria e uma arte genuinamente centradas na mulher, cujo projeto seja trazer o peso simbólico da consciência feminina para o ser, tornar visível o invisível, fazer o silêncio falar” (SHOWALTER, 1994, p. 48-49). A zona selvagem é o lugar da linguagem revolucionária das mulheres, a linguagem de tudo que é reprimido, é onde uma mulher pode escrever a seu modo, fora dos limites estabelecidos pela ordem patriarcal. É neste território de



comunhão, partilha e de libertação que se insere a escrita de Maria Valéria Rezende, que analisarei a seguir.

Quarenta Dias em território selvagem

O romance *Quarenta Dias* de Maria Valéria Rezende (2014) trata da perda das referências identitárias quando a vida nos obriga a mudar, a desprender de coisas que consideramos importantes, como o lugar de viver, o trabalho, as pessoas que temos perto de nós. Por tratar de perdas, trata também da procura por algo que faça a vida se mover. A narradora e protagonista Alice, uma mulher já madura, professora, mãe, cujo marido desapareceu no período da ditadura militar, ao ser pressionada pela filha, acaba se mudando, contra sua vontade, do nordeste para o sul do país. Em seguida, após a mudança, sua filha embarca para o exterior, em função de uma oportunidade de trabalho surgida, e Alice (a mãe) acaba por lançar-se solitária pelas ruas da cidade desconhecida de Porto Alegre em um movimento, talvez inconsciente, de resistência à condição de submissão à vontade dos outros. Vale ressaltar que Norinha, a filha que vivia em Porto Alegre, obcecada pelo desejo de se tornar mãe, insiste e pressiona sua mãe a mudar-se para o sul, afim de que ela viesse a auxiliá-la nos cuidados com a criança que tanto desejava ter, porém, sem que precisasse abrir mão de sua rotina ou tivesse que adiar qualquer projeto que pudesse prejudicá-la profissionalmente. Assim, para a realização de um desejo da filha, e para suprir uma necessidade também da filha, Alice teria que se mudar, se tornar uma avó cuidadora, em uma nova casa, com nova rotina e novos convívios, que não faziam parte dos seus planos:

[...] eu não havia de largar tudo o que custei tanto a conquistar, meus velhos amigos, os alunos que se tornavam novos amigos, a praia, o Atlântico todinho na minha frente, planos de viagens e atividades que tinha tido de adiar até então, mas ainda em tempo de realizar, uma vida que eu considerava feliz, apesar das cicatrizes. (REZENDE, 2014, p. 27)

É essa a tônica que traça o fio condutor responsável por permitir a construção de uma crítica feminista em torno das questões que subjazem o universo feminino da personagem Alice, que de repente, vê-se diante das artimanhas da filha para fazer da vida dela, aquilo que julga ser natural para uma senhora como ela, ou seja, torná-la uma “avó profissional”.



Considerando as relações de poder no âmbito familiar, tem-se em Norinha, a filha, uma representação simbólica dos valores instituídos pela ordem patriarcal, que ao longo da história encarregou-se de designar os papéis sociais, atribuindo às mulheres as funções de um trabalho subserviente, a serviço das necessidades e dos desejos alheios.

Alice, definitivamente, não estava disposta a se mudar de cidade para se tornar avó profissional, como podemos observar no fragmento em que ela diz:

Em resumo, o certo pra ela era que eu, afinal, já tinha chegado ao fim da minha vida própria, agora o que me restava era reduzir-me a avó. Eu, de cara, disse não, eu não queria me mudar pra Porto Alegre. (REZENDE, 2014, p. 26).

Mas deu-se que, sob forte insistência e chantagens emocionais, Alice resistiu enquanto teve força, mas acabou sendo vencida pelo cansaço e viu-se sucumbir à pressão da filha, vindo então a migrar para o sul. Começou então o processo de desconstrução da solidez de um modo de viver que de uma só vez se rompeu. Alice foi-se embora deixando para trás muito de si.

Enquanto ali se desmontava minha cabeça, minha casa, minha vida, cá no Sul, Norinha montava, à maneira dela, ao gosto dela, o que eu havia de ter e ser no futuro próximo. [...] Vida nova!, essa velharia fica toda aqui e a senhora embarca comigo no fim de julho (REZENDE, 2014, p. 37).

Alice expressa sua revolta por ter cedido à pressão da sua filha Norinha, que em uma atitude autoritária, tratou de determinar a razão, quando e como se daria a mudança dela de João Pessoa para Porto Alegre, como demonstra o fragmento: “ – Já vou marcar a passagem, dia 22 de setembro a senhora parte daqui e ponto final. [...] Eu vim, no dia marcado pelos outros.” (REZENDE, 2014, p. 38). O que se percebe é um embate de forças conflitantes entre mãe e filha, vontades que se confrontam como em um campo de batalhas, como ilustra uma outra passagem em que Alice diz: – “ Que remédio senão obedecer? Eu já estava pegando o jeito de me comportar como filha da minha filha” (REZENDE, 2014, p. 74). Alice sente a angústia de ter sido dominada, e ter que viver sob controle da filha, em um lugar totalmente estranho e fora do seu mundo. Alice irá viver o seu exílio, “um estado de ser descontínuo, separado das raízes, da terra natal, do passado” (SAID, 2003, p. 50):



Naquele meu terceiro dia na vaga cidade pra onde me transplantaram à força, acordei com uma ventania atravessando o apartamento [...]. Fui preparar e tomar café com saudade dos meus velhos móveis, por onde andarão eles? [...] saudades de meu antigo chão de cerâmica fresca pra se pisar descalça no calor, sem tapete nenhum pra empatar a limpeza. (REZENDE, 2014, p. 54)

Como estratégia de resistência ao processo de dominação a que se viu submetida e frente a dor de ter tido sua vida recortada, Alice faz do mergulho no submundo das ruas e de seu esforço para encontrar Cícero Araújo - um nordestino que foi para Porto Alegre, e que ela fica sabendo que a mãe, lá em João Pessoa, nunca mais teve notícia - um caminho para a busca e para o reencontro consigo mesma. Sem saber ao certo se Cícero ainda vivia em Porto alegre, incumbiu-se da tarefa de encontra-lo, e fez desta procura o seu modo de conseguir superar o trauma de ter tido sua vida rompida:

Um rumo vago. Que eu seguiria se quisesse. Talvez tenha sido o nome estranho do lugar que me despertou da letargia. Talvez, tenha sido, sem que eu percebesse, a dor da outra mãe tomando o lugar da minha, um alívio esquisito, uma distração, e eu quis, sim, sair por aí, à toa, por ruas que não conheço atrás do rastro borrado de alguém que eu nunca vi (REZENDE, 2014, p. 92).

Ao longo de sua busca pelo rapaz, Alice se entrega às ruas vivendo um processo que a transforma em moradora de rua. Ao acompanhar o vagar perdido da ex-professora nos indagamos se é por Cícero mesmo que Alice está à procura.

Sobre a recepção do livro e a problemática que envolve a questão do gênero e literatura de autoria feminina, a própria escritora Maria Valéria, observa que:

O curioso é que todas as mulheres que comentaram o livro entendem perfeitamente porque Alice saiu pelas ruas durante 40 dias... os homens, muitas vezes, não... acham enfadonha a primeira parte do livro e inconsistentes os motivos pelos quais a personagem se desgarra (Entrevista concedida à Revista Cult²)

Percebe-se aqui o limite dos territórios que separam a leitura feminina da masculina, ocorre então o mergulho feminino na “zona selvagem”, espaço exclusivamente ocupado pelas mulheres, e fora dos limites em que o masculino é capaz de adentrar. As mulheres, conforme sugere a observação feita pela própria autora do

² Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2016/01/materia-prima-colhida-da-memoria/>
Acesso em: 24/09/2016



romance, demonstram ter captado e compreendido, melhor do que os leitores homens, o caráter simbólico libertador representado pela atuação da personagem ao decidir sair pelas ruas da cidade estranha de Porto Alegre. As leitoras mulheres parecem ter captado o elemento transgressor contido na ideia da fuga do apartamento sistematicamente construído para aprisionar a personagem em uma condição que ela não se conformou em aceitar.

Redirecionando o foco para a análise da personagem Alice, percebe-se que ela parece ter se perdido antes de sair de casa, ou seja, dentro das paredes frágeis do (des)afeto da filha, debaixo do teto impessoal e pré-fabricado do apartamento para onde ela havia sido “transplantada”. Assim, na esperança inconsciente de um encontro consigo mesma, saiu a perder-se na procura por Cícero, para que, talvez assim, viesse a encontrar-se:

Saí, em busca de Cícero Araújo ou sei lá de quê, mas sem despir-me dessa nova Alice, arisca e áspera, que tinha brotado e se esgalhado nesses últimos meses e tratava de escamotear-se, perder-se num mundo sem porteira, fugir ao controle de quem quer que fosse (REZENDE, 2014, p. 95).

Pelas janelas do seu interior Alice lançou-se nas ruas e viveu quarenta dias como andarilha pelos subúrbios não só da cidade, mas pelos subúrbios da sua própria existência. Assim, em meio a um caminho perdido é que ela (re)encontra a vida, que se não é a que deixou na Paraíba, é a vida de outros, que, como ela, também perambulavam perdidos e solitários pelas ruas da cidade. Ao dar-se conta de sua condição de “sem lugar”, Alice aos poucos vai encontrando seus novos “iguais”, e em meio ao povo da rua, Alice conheceu Lola, uma senhora que aparentava ter mais idade que ela, e com quem ela sentiu identificar-se:

Lola de pé, curvada sobre seu carrinho, resmungando e remexendo em seus trapos, Vem, tem banho se tu quiser, e sabão te empresto hoje, amanhã tu arranja o teu. [...] nenhuma de nós duas ligando a mínima pros olhares enviesados que nos cercavam. Tu vem todo dia dormir aqui, tu é direita, tu pode, aprende o caminho (REZENDE, 2014, p. 232).

Através deste encontro com Lola, vemos a personagem Alice ingressar em um território comum, compartilhado em igualdade com outra mulher, fazendo surgir a “consciência de fraternidade e a comunalidade” de que fala Showalter (1994), ao tratar da cultura das mulheres.



Para finalizar, cabe dizer que a reflexão teórica e crítica em torno de um modelo da situação cultural das mulheres é crucial para que possamos compreender como esta cultura é, se não mais construída pelos grupos dominantes, como é por eles percebida, e como vem sendo não só percebida e compreendida, mas, principalmente, construída, pelas próprias mulheres. Assim, é no rompimento com as inadequações dos modelos androcêntricos da história e da cultura, que a crítica feminista e a análise da experiência feminina poderão se fazer de maneira mais adequada, capaz de satisfazer as necessidades de explicação e entendimento da condição feminina ontem e hoje.

Referências bibliográficas

BEAUVOIR, Simone. *O Segundo Sexo*. 7. Ed. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

LAURETIS, Teresa de. *A tecnologia do gênero*. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.) *Tendências e Impasses. O feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

REZENDE, Maria Valéria. *Quarenta Dias*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

SAID, Edward W. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Tradução: Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SCOTT, Joan. SCOTT, Joan Wallach. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Educação e Realidade. Porto Alegre, vol. 20, no 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99. In http://ia600308.us.archive.org/21/items/scott_gender.pdf

SHOWALTER, Elaine. *A crítica feminista no território selvagem*. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.) *Tendências e Impasses. O feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.